ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA E AS PRÁTICAS NO COTIDIANO ESCOLAR: A PESQUISA NA GRADUAÇÃO E OS PROCESSOS FORMATIVOS

Felipe Maquiné Santos Silva[1]; Tania de Assis S. Granja[2]

[1]Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ/FFP, São Gonçalo, Rio de Janeiro, Brasil, felipemaquine38@gmail.com

[2]Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ/FFP, tasgranja@gmail.com

Resumo

Este trabalho tem como objetivo investigar de que forma a sala de aula e o ensino de Língua Portuguesa podem se configurar como espaços de desvantagem para alunos socioeconomicamente desfavorecidos, por meio das práticas pedagógicas e curriculares, buscando mapear as desigualdades de oportunidades educacionais que impactam suas aprendizagens e seus rendimentos escolares. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de abordagem etnográfica, ancorada em Minayo (1994), Goldenberg (1997), Magnani (2002). Os procedimentos adotados incluem a observação participante, a análise documental, a descrição densa, as oficinas pedagógicas, o caderno de campo e os registros fotográficos, entre outras técnicas que contribuem para a coleta de dados. A pesquisa de campo foi realizada em 2024, em uma escola municipal, com turmas de 7.º, 8.º e 9.º ano, localizada no município de São Gonçalo. O estudo envolveu os alunos e as professoras de Língua Portuguesa da escola, num trabalho colaborativo (Damiani, 2008). Como aporte teórico, o estudo apoia-se em Bourdieu (1998), Sacristán (2000), Dubet (2003) e Foucault (2014). A análise dos dados evidencia que o processo de ensino-aprendizagem está diretamente relacionado ao currículo ofertado, à forma como é implementado e, sobretudo, às práticas que lhe atribuem sentido. Assim, ao considerar a presença de defasagem idade-série e vulnerabilidade socioeconômica entre as turmas, elementos determinantes para a permanência escolar, identificam-se fortes evidências da precarização do trabalho docente e das desigualdades de oportunidades educacionais nas turmas pesquisadas.

Palavras-chave: Cotidiano escolar. Ensino Fundamental. Práticas Pedagógicas. Língua Portuguesa. Abordagem etnográfica.

Introdução

Este estudo volta-se para a compreensão da cultura escolar e das práticas pedagógicas de Língua Portuguesa no período pós-pandêmico. Portanto, propõe-se explorar o universo escolar em sua densidade, com a finalidade de compreender as práticas curriculares, pedagógicas e discursivas, bem como suas configurações no cotidiano da escola.

O currículo escolar não é um simples conceito ou documento que orienta conteúdos e planos para o cumprimento de determinados objetivos. Trata-se de um constructo sociocultural coletivo complexo (Sacristán, 2000, p. 14). Assim, uma definição precisa do currículo torna-se difícil em virtude das múltiplas singularidades que atravessam sua elaboração em diferentes níveis, idades, públicos e regiões. Entretanto, o autor assegura que ‘‘[...] o currículo se traduz em atividades e adquire significados concretos através delas. Esses contextos são produtos de tradições, valores e crenças muito assentadas [...]’’ (Sacristán, 2000, p. 28).

Compreende-se que a organização pedagógica gravita em torno da construção curricular da escola. Sacristán (2000) assegura que ‘‘O currículo, em seu conteúdo e nas formas pelas quais nos apresenta e se apresenta aos professores e aos alunos, é uma opção historicamente configurada, que se sedimentou dentro de uma determinada trama cultural, política, social e escolar [...]’’ (Sacristán, 2000, p. 17).

Considerando o currículo como um organismo culturalmente configurado, importa trazer à luz o conceito de capital cultural formulado por Bourdieu (1998), entendido como expressão da cultura legitimada — isto é, da cultura dominante no espaço escolar. Partindo das desigualdades de acesso aos bens culturais entre as classes sociais, o autor evidencia que tais disparidades se aprofundam na escola. Segundo Bourdieu (1998, p. 42), ‘‘A herança cultural, que difere [...] segundo as classes sociais [...], é a responsável pela diferença inicial das crianças diante da experiência escolar, e consequentemente, pelas taxas de êxito.’’, podendo aumentar ou diminuir as oportunidades no processo de escolarização.

Diante de referenciais culturais previamente estabelecidos, observa-se que a dinâmica escolar tende a privilegiar o desempenho final do aluno em detrimento de seu percurso formativo. Como aponta Dubet (2003, p. 36), ‘‘[...] observa-se que os alunos com dificuldades são orientados para trajetórias escolares mais ou menos desvalorizadas no interior de uma hierarquia extremamente rígida, que impede, quase por completo, o retorno para as carreiras honrosas ou prestigiadas.’’. O aluno que fracassa no processo de escolarização, repetidas vezes, fica fadado a não avançar para níveis mais elevados de estudo e, consequentemente, a ocupar postos de trabalho inferiores e menos remunerados.

Nessa configuração, a sala de aula pode ser compreendida como um espaço de vigilância e punição daqueles que não correspondem às expectativas escolares, tornando-se dóceis pela própria lógica institucional. As práticas pedagógicas, nesse contexto, orientam-se pelo controle da produtividade e do comportamento dos alunos. Como observa Foucault (2014, p. 135), tais atividades disciplinares não objetivam ‘‘[...] unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo

o torna tanto mais obediente quanto é mais útil [...]''. Trata-se de um rigor disciplinar sobre o alunado que ''[...] o esquadrinha, o desarticula e o recompõe.'' (Foucault, 2014, 135), é o que o autor denomina de docilidade dos corpos sob o controle de uma tecnologia disciplinar.

Este trabalho busca investigar de que modo a sala de aula e o ensino de Língua Portuguesa podem se configurar como espaços de desvantagens para alunos desfavorecidos socioeconomicamente. Nesse sentido, ao considerar os arranjos curriculares, as práticas pedagógicas e os fenômenos da cultura escolar, a pesquisa tem como objetivo mapear as desigualdades de oportunidades educacionais que afetam os processos de aprendizagem dos alunos.

A metodologia de pesquisa: fundamentos, procedimentos, *locus* e participantes

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de tipo etnográfico que busca compreender o ''[...] dinamismo da vida individual e coletiva com toda a riqueza de significados dela transbordante.'' (Minayo, 1994, p. 15), articulando noções teóricas do conhecimento científico e investigando os ''[...] subsídios no complexo conceito de *vida cotidiana*.'' (Patto, 2015, p. 30, grifos do autor) para apreender a experiência observada. Embora fortemente ancorado nessa abordagem, o estudo não se configura como uma ''[...] etnografia no seu sentido estrito.'' (André, 1995, p. 28), mas como um estudo de tipo etnográfico.

A escolha por essa perspectiva justifica-se pela possibilidade de realizar uma leitura "de perto e de dentro" (Magnani, 2002) do campo observado, sem pretensão generalizadora. O enfoque, portanto, está, como aponta André (1995, p. 28), ''[...] na descrição da cultura (práticas, hábitos, crenças, valores, linguagens, significados) [...]'' dos diferentes grupos que compõem o espaço investigado.

A observação dos acontecimentos e o contato com os fenômenos revelam ''[...] o que há de mais imponderável e evasivo na vida real.'' (Cruz Neto, 1994, p. 60). O autor também ressalta que a observação participante ''[...] se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos.'' (Cruz Neto, 1994, p. 59). Nesse movimento, o pesquisador apreende eventos que expressam comportamentos e valores do universo estudado, e esse contato inicial suscita questionamentos que orientam análises posteriores mais aprofundadas.

A descrição densa constitui procedimento central da abordagem etnográfica, pois implica a análise minuciosa das relações construídas e desfeitas, dos acontecimentos que transformam o espaço investigado e dos afetos que vinculam o sujeito ao seu contexto. Sua

relevância está na possibilidade de elaborar uma representação narrativa e imagética do campo pesquisado. A efetivação dessa técnica permite ‘‘[...] fazer uma descrição em profundidade (‘descrição densa’) das culturas como ‘textos’ vividos, como ‘teias de significados’ que devem ser interpretados.’’ (Goldenberg, 1997, p. 23).

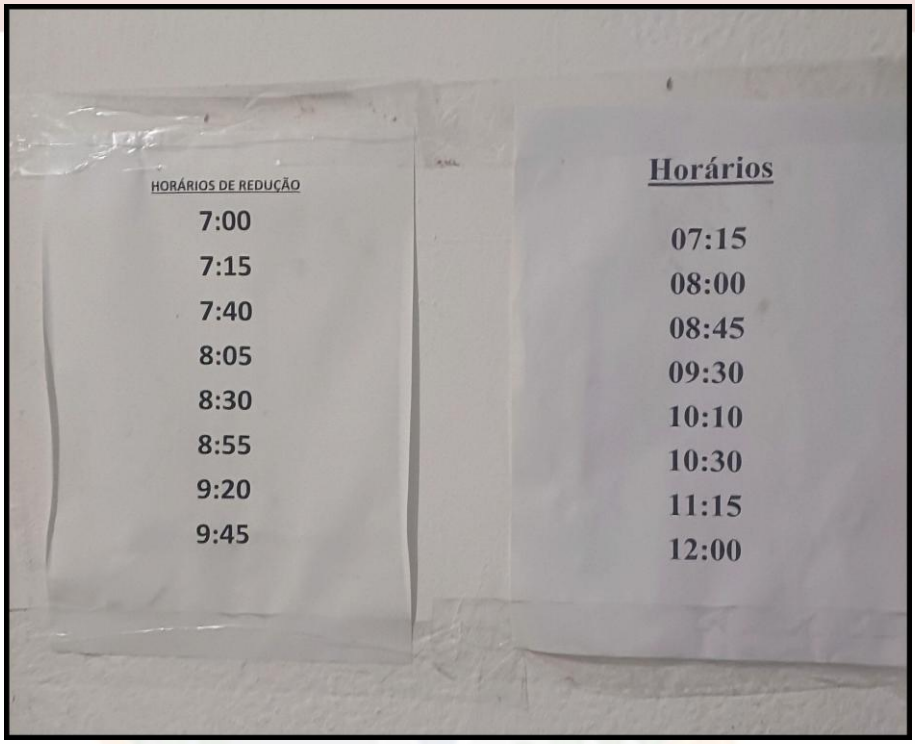
A pesquisa de campo foi desenvolvida em 2024, em um trabalho colaborativo com os professores de uma escola municipal de São Gonçalo, envolvendo turmas de 7.°, 8.° e 9.° ano do Ensino Fundamental. Os participantes do estudo, portanto, foram os alunos e a professora de Língua Portuguesa e Produção Textual da escola. No entanto, é fundamental compreender que, além dos sujeitos que protagonizam os processos de ensino-aprendizagem, os demais agentes e participantes do cotidiano escolar, como representantes da gestão educacional, diretores, coordenadores, funcionários da secretaria foram essenciais para o desenvolvimento da pesquisa de campo.

A Pesquisa na Graduação: memórias e alguns eventos no/do campo

As visitas, durante o segundo bimestre de aula, aconteciam às segundas e terças-feiras, no horário das sete às dez da manhã. Isto se deu pelo fato das paralisações realizadas pelos professores da rede municipal de São Gonçalo, Rio de Janeiro, que estavam em luta na defesa de seus direitos.

Por isso, as aulas durante o primeiro semestre do ano corrente encontravam-se em horário reduzido, nas quais cada tempo de aula tinha cerca de vinte e cinco minutos dos cinquenta minutos convencionais. Durante as observações, diversas aulas não começavam exatamente às sete horas, ou dez minutos depois; muitas delas começavam por volta das sete e meia, quando a professora chegava ou o sinal da escola tocava. Esse fator, juntamente com o cenário de aulas com o tempo reduzido, fazia a dinâmica de aula ser mínima, na qual a professora instruía os alunos sobre alguns deveres, dava algumas broncas sobre os ‘‘festivais de faltas’’ (sic) e a improdutividade dos alunos (sic), e não havia possibilidades de uma troca mais sólida das relações professor-aluno.

Fotografia 1 - Tabela de horários durante o contexto de paralisação



Fonte: dados coletados na pesquisa de campo - Fotografia: acervo do autor

Este horário reduzido das aulas trouxe também uma redução nas aprendizagens dos alunos, que não puderam expandir e vivenciar toda a potencialidade de cada momento da aula, pois o tempo não comportava o desenvolvimento do trabalho pensado e preparado pelo professor. Ao longo da pesquisa, o diário de campo, que contempla as observações do pesquisador, foi de grande valia, pois foram registrados alguns eventos que descreviam um pouco da cultura escolar. Os eventos a seguir evidenciam o papel da pesquisa na graduação como um elemento enriquecedor da formação docente.

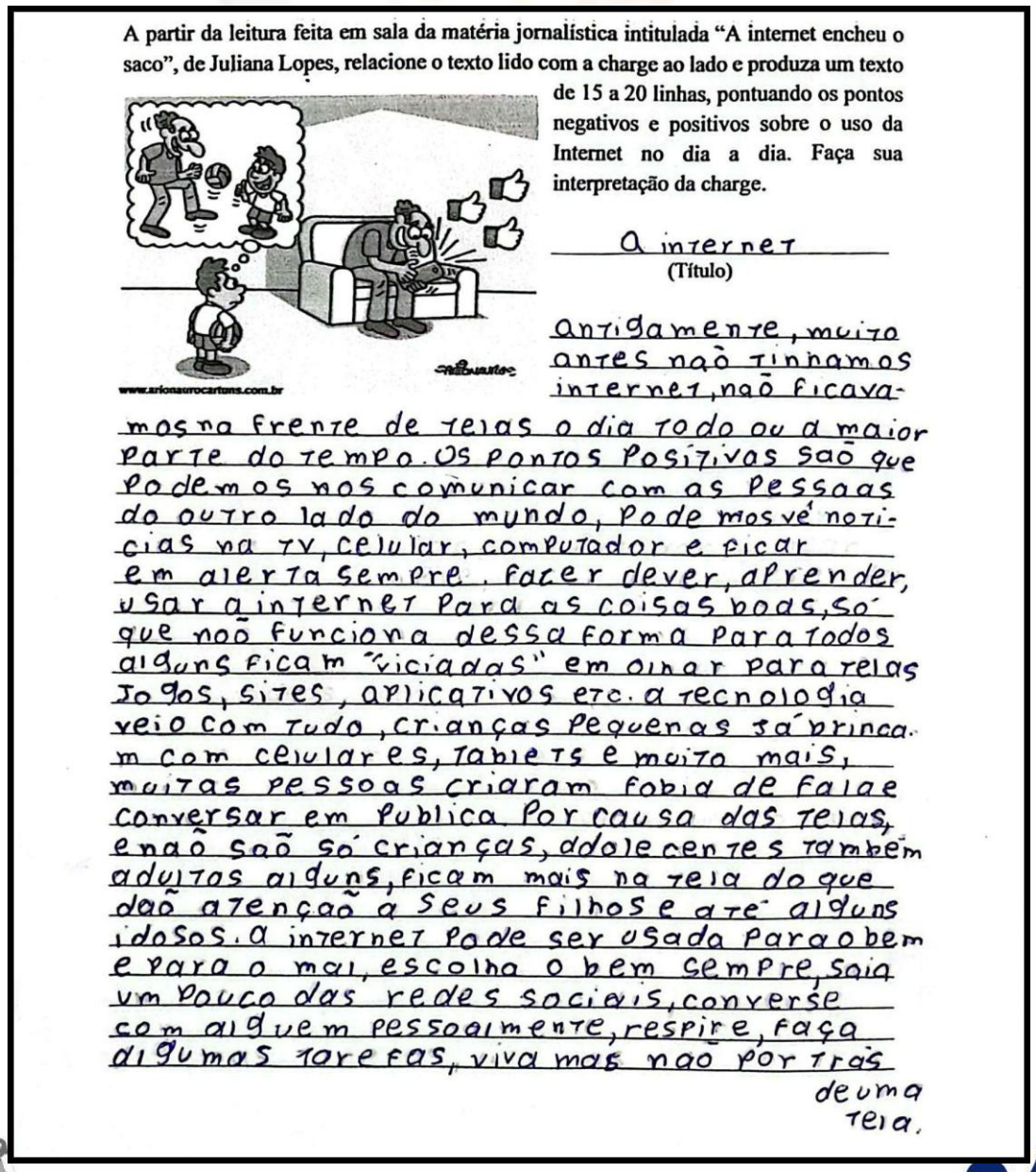
Evento 1 - No controle das meninas: a conduta moral da sala de aula

São Gonçalo, Rio de Janeiro (2024)

Em 2024, a pesquisa de campo teve início com o estabelecimento de uma parceria com a professora de Língua Portuguesa e Produção Textual, o que possibilitou o acompanhamento e a participação nas aulas da disciplina em turmas de 7.º, 8.º e 9.º anos. As turmas apresentavam uma frequência baixa de alunos em sala, com cerca de dez a quinze alunos por aula. Essa presença limitada fazia com que as interações entre os alunos fossem mínimas, refletindo também na participação dos alunos nos grupos durante as atividades.

Mais precisamente, a turma do 9.º ano apresentava um comportamento reservado e pouco engajado, preferindo interações mais silenciosas durante as aulas. No entanto, um fenômeno que transformou o ambiente da aula foi o tema "usos da Internet". A situação evidenciou que, quando o assunto desperta interesse, os alunos se envolvem mais ativamente. A partir desse contexto, em parceria com a professora, planejamos uma oficina voltada à produção textual, tendo como motivação uma charge sobre o uso da Internet e seus aspectos positivos e negativos. O objetivo era analisar como os alunos articulavam suas argumentações e interpretavam o texto. Observemos:

Fotografia 2 - Produção Escrita da aluna G



A partir da leitura feita em sala da matéria jornalística intitulada "A internet encheu o saco", de Juliana Lopes, relacione o texto lido com a charge ao lado e produza um texto de 15 a 20 linhas, pontuando os pontos negativos e positivos sobre o uso da Internet no dia a dia. Faça sua interpretação da charge.

A internet
(Título)

Antigamente, muito antes não tinhamos internet, não ficavamos na frente de telas o dia todo ou a maior parte do tempo. Os pontos positivas são que podemos nos comunicar com as pessoas do outro lado do mundo, podemos vê notícias na tv, celular, computador e ficar em alerta sempre. fazer dever, aprender, usar a internet para as coisas boas, só que não funciona dessa forma para todos alguns ficam "viciadas" em olhar para telas Jogos, sites, aplicativos etc. a tecnologia veio com tudo, crianças pequenas já brincam com celulares, tablets e muito mais, muitas pessoas criaram fobia de falar e conversar em publica. Por causa das telas, e não são só crianças, adolecentes também adultos alguns, ficam mais na tela do que dão atenção a seus filhos e até alguns idosos. a internet pode ser usada para o bem e para o mal, escolha o bem sempre, saia um pouco das redes sociais, converse com alguem pessoalmente, respire, faça algumas tarefas, viva mas não por trás de uma tela.

Fonte: dados coletados na pesquisa de campo - Produção da aluna G

Após a etapa de produção e correção dos textos, a professora propôs que, a partir das observações feitas para revisão, os alunos realizassem uma reescrita, com o objetivo de compor um mural expositivo de um projeto da escola. Esse processo de reescrita e adaptação estendeu-se por algumas semanas, já que, devido ao tempo reduzido das aulas, a docente precisou conciliar o andamento do projeto com as demais atividades e avaliações do bimestre.

A finalização do projeto ocorreu no primeiro dia de aula após o período de paralisações. Ou seja, depois de alguns meses, os alunos voltavam a ter dois tempos completos de aula. Naquela manhã, a proposta era organizar o mural, reunindo recortes dos textos produzidos e outros elementos decorativos, como letras de papel emborrachado para o título do mural. Somente nessa circunstância, com a retomada das aulas integrais, foi possível observar de forma mais nítida como os alunos se articulavam entre si e se organizavam para as tarefas.

Neste evento específico, a movimentação da turma se apresentou da seguinte maneira: uma aluna e os demais alunos ocupavam a parte de trás da sala, enquanto o restante das alunas, acompanhadas de somente um aluno, habitavam as carteiras da frente. Ao receberem as instruções da professora para a organização das carteiras e da montagem do mural, apenas as alunas se levantaram para ajustar a disposição das mesas que sustentariam o tecido TNT. Todos os remanescentes mantiveram-se sentados e silenciosos. Como grande parte da comissão organizadora era composta pelas meninas, elas prontamente se uniram para assumir a ‘‘moral’’ da montagem coletiva do trabalho, exercendo o controle por meio de cobranças aos colegas.

Constantemente, diante do desinteresse e da falta de colaboração dos colegas, as alunas comentavam: ‘‘Levanta o rabo de vocês e vai pegar cadeira, eu hein, pega mais cadeira!’’ (sic), chamando cada aluno pelo nome e distribuindo as tarefas. Em certo momento, quando um aluno se levantou, com uma postura resistente, e demorou para levar a cadeira até o centro da sala, a aluna puxou a cadeira e reclamou: ‘‘Solta! Ô, meu filho, acorda!’’ (sic).

Durante a organização da sala, as alunas cometiam alguns erros, mas, como lideravam a turma naquele momento, não havia cobrança. O clima, entre elas, permanecia descontraído, com risadas. Após as reiteradas cobranças da professora e algumas tentativas mais ativas de ajuste, as mesas foram colocadas no centro e o tecido do mural esticado sobre elas. Vejamos:

Fotografia 3 - Montagem do mural



Fonte: dados coletados na pesquisa de campo - Fotografia: acervo do autor

A professora mobilizava todos, solicitando sugestões sobre como organizar os textos, imagens e o título do projeto. Contudo, sempre que algum aluno tomava a iniciativa de sugerir uma organização, outro defendia suas próprias preferências, contrapondo com uma ideia diferente. Para resolver esse pequeno impasse, que poderia se estender indefinidamente, e garantir que o trabalho fosse concluído antes do término da aula, sugerimos que a colagem dos elementos começasse sem mais tardar.

Evento 2 - A prática do currículo oculto: não é ético, mas é natural

São Gonçalo, Rio de Janeiro (2024)

Durante a permanência na escola, eu visitava frequentemente a sala de computadores acompanhado da professora de Língua Portuguesa, observando a interação dos alunos com o espaço e as atividades de pesquisa. Em uma dessas ocasiões, a turma produziu um painel com a temática “Mulheres que fazem parte da história”, no qual comentavam sobre Dandara dos Palmares, Carolina Maria de Jesus, Djamila Ribeiro, Rayssa Leal, entre outras.

Em certo dia, após as atividades de pesquisa da turma, os alunos foram ao recreio, no sonoro pátio central ao lado da sala, enquanto permanecemos na tranquila sala de computadores conversando com um funcionário da escola. Ele era responsável pelo espaço, auxiliava os professores na distribuição de materiais, possuía uma parceria consolidada com a professora de Língua Portuguesa e tinha um percurso formativo construído em instituições renomadas no

campo educacional. Com uma aparência jovem, apresentava um comportamento simpático com os alunos.

Durante o diálogo, ao comentar que a escola costumava transferir os alunos considerados mais "problemáticos" das turmas da manhã para o turno da noite, o funcionário afirmou que, no cotidiano escolar, era comum "perder um aluno para salvar outro" (sic), como se fosse "tirar uma maçã podre de um cesto" (sic). Ouvi a afirmação com certo desconforto, sem saber ao certo como reagir diante do semblante, do tom e dos gestos serenos que acompanhavam o comentário. O discurso, dito em tom de piada e acompanhado de risadas, prosseguiu: ''não é ético, mas acontece. Para salvar a turma, você tira um'' (sic).

Embora fosse um episódio isolado, ocorrido em uma conversa informal, a troca suscitou reflexões profundas sobre a lógica educacional da escola. Pensei em como a noção de bom funcionamento da escola parecia depender do afastamento daqueles considerados uma ameaça à harmonia das aulas, e em até que ponto a organização dos espaços, as oportunidades oferecidas e as práticas curriculares poderiam favorecer esse fenômeno. Essas pistas, muitas vezes diluídas em conversas informais, tendem a permanecer ocultas no cotidiano do fazer pedagógico.

Evidências do estudo: uma interpretação à luz da literatura

No decorrer da pesquisa, foi possível observar a baixa frequência de alunos em sala de aula, fenômeno que pode ser interpretado como resultado de dois fatores. Em primeiro lugar, o contexto de greve ocorrido em parte do ano, conforme descrito, em que a escola enfrentou redução significativa da carga horária e indisponibilidade de professores em algumas disciplinas. Em segundo lugar, em relação ao clima da turma, os alunos demonstravam certo desinteresse pelos conteúdos abordados ao longo do ano letivo.

Ainda assim, percebe-se um fenômeno interessante: as diferenças nas características comportamentais entre os alunos e as alunas. Conforme observado na seção anteriormente mencionada, durante a atividade, as meninas demonstraram maior protagonismo, revelando fortes traços de liderança, além de mais comprometimento e organização em comparação aos meninos. Nesse viés, Bourdieu (1998, p. 49-50) assegura que:

> [...] um moral baixo engendra uma perspectiva temporal ruim, que, por sua vez, engendra um moral ainda mais baixo; enquanto que um moral elevado não somente suscita alvos elevados, mas ainda tem oportunidades de criar situações de progressos capazes de conduzir a uma moral ainda melhor. (Bourdieu, 1998, p. 49-50).

Considerando o contexto pesquisado, observam-se etapas semelhantes. Houve, inicialmente, um cenário espacial e temporal limitado, que condicionou comportamentos pouco motivados e certa apatia em relação ao desenvolvimento das potencialidades da atividade. Contudo, de maneira súbita, emergiu uma autonomia protagonizada por parte da turma, o que acabou impulsionando a realização efetiva da atividade.

Sob a esfera da equipe pedagógica da escola, a experiência observada traz considerações pertinentes sobre os processos de reprodução das desigualdades de oportunidades educacionais. Como afirmou um dos agentes daquele espaço, a exclusão parcial dos alunos é tratada como um processo normal, quase habitual, embora antiético. Segundo Dubet (2003, p. 35) ‘‘[...] a seletividade escolar encaminha os alunos mais fracos para as trajetórias menos qualificadas, o que, por sua vez, aumenta suas ‘chances’ de desemprego e de precariedade.’’. Assim, no contexto do processo formativo dos alunos, tal fenômeno fragiliza as possibilidades de construção de desejos voltados para carreiras mais prestigiadas.

Considerações finais

Constata-se que os significados atribuídos pelos alunos à experiência escolar ultrapassam as relações estabelecidas em sala de aula. A vida escolar manifesta-se nas corridas pelos corredores, nas danças, nas conversas nos pátios, nos jogos, nos momentos de lazer, na leitura na biblioteca, nos instantes de euforia ou de tristeza. Ao traduzirem essas vivências em discursos orais e escritos nas atividades pedagógicas, os alunos evidenciam que o currículo se constitui como prática coletiva em permanente construção.

Nesta perspectiva, pode-se asseverar que a prática da pesquisa na graduação permite, que o graduando, no âmbito formativo e científico, conheça de perto a dinâmica da escola e da sala de aula com toda a sua complexidade. Permite, também, que o futuro pesquisador aprimore seu manejo nas relações interpessoais, desenvolva um olhar mais sensível para os fenômenos ocorridos no universo observado e reflita criticamente sobre as práticas pedagógicas e os desafios presentes no contexto educacional, visando o refinamento das suas práticas docentes.

Pode-se concluir, portanto, que o estudo alcança resultados significativos, na medida em que atinge os objetivos propostos e possibilita a compreensão da cultura escolar nos campos investigados. O rigor metodológico e o aporte teórico mostram-se fundamentais para a produção do conhecimento nas diferentes esferas da vida escolar. Espera-se, assim, que a pesquisa contribua para outros estudos que articulam Educação e práticas pedagógicas de

Língua Portuguesa, especialmente aqueles que buscam aproximação com a cultura escolar, os processos de exclusão e as práticas discursivas dos alunos.

Referências Bibliográficas:

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995. p. 27-48.

CRUZ NETO, O. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 23. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1994, p. 51-66. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf. Acesso em: 25 abr. 2023.

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: **Escritos da Educação**, Petrópolis: Vozes, 1998, p. 41-64. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4900368/mod_resource/content/0/Texto%20820-%20BOURDIEU%20%281998%29%20-%20A%20escola%20conservadora.pdf. Acesso em: 08 ago. 2022.

DAMIANI, M. F. Entendendo o trabalho colaborativo em educação e revelando seus benefícios**. Educação em Revista.** Curitiba, v. 24, n. 31, p. 213-230, 2008. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/12795/8687. Acesso em: 10 mar. 2024.

DUBET, François. A escola e a exclusão. **Cadernos de Pesquisa**, n. 119, p. 29-45, julho/ 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cp/a/JBTWwBmFCfZBxm9QKbxSN9C/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 31 jul. 2024.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 133-166.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997. 111p. Disponível em: http://www.unirio.br/cchs/ess/Members/lobelia.faceira/ensino/programa-de-pos-graduacao-em-memoria-social/seminario-de-pesquisa-doutorado-memoria-social/textos/goldenberg-a-arte-de-pesquisar.

MAGNANI, J. G. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/KKxt4zRfvVWbkbgsfQD7ytJ/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 20 out. 2023.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 23. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1994.

PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar**: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: T.A. Queiroz, 1990.

SACRISTÁN, José G. **O Currículo**: uma reflexão sobre a prática. Tradução: Ernani F. da F. Rosa. 3. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2000. Cap. 1.